

SUCEDA O QUE SUCEDER

A noite do incêndio.
O pêlo chamuscado do cão, cobertor de lama
na soleira da porta. Recobra
forças para avançar no fogo
dentro da casa tão amada
o pobre cão.

Vale de Colmeias. Levavam o mel da terra foreira ao convento de
Semide. Chamo-me rapaz;
quando a noite me pede o corpo rapaz.

Folhas ressequidas de palmeira. Não havia praia. Não havia mar.
Aquela espécie de bote, por gosto
de pele penetrada e logo disposta à planura do deserto:
deslizante remo.
Sobre a longa cadeira
reclinou o tronco vestido de folha de prata.

O lago gelou; não longe, no pavilhão de caça, comiam a
primeira codorniz do outono.

Dá-me esse xaile
para o frio de agosto. Não quero um beijo.

Antes de tudo
sou um judeu cristão. Cheguei a Havana. Na rua estreita uma
centena de homens.

Caí nessa rua de

Havana. Rua de traseiras da cidade.

Pediam um filme?

Sim. Um romance não chegava.

Antes de ter morrido o teu filho?

Nunca tive filhos, nem qualquer relação com o dinheiro.

Os negros, homens meio negros vindos do passado, iguais à flor do medronheiro.

Acabara de chegar da minha terra, pisada de verde e vermelho. Semelhante à flor da helicónia?

Não sei. No meio, o desenho do sexo.

Honra?

Atroz tortura, a disciplinada noite.

TEMPO GIUSTO

Abriu o armário da loiça. Porta de pinho presa de
humidade. As suas mãos
trouxeram, uma a uma, as várias peças de
um fabulário de faiança, azul sobre puríssimo branco.

Serviu-me nessa tarde o último chá,
caiu de um rude bule
vidrado
para a chávena que trazia as armas de um dos avós;

um dos seus dedos acariciava, sentia a temperatura do
chá, enquanto passava, ao de leve, sobre a ferida
heráldica carregada de um S maiúsculo, honorada com

o arminho de um fugaz pariato.
«Coisas da pequena pátria.» E sorria de um modo
sonhador; «por cinquenta cêntimos o centro do homem funciona».

WOLFGANG TILLMANS

Numa parede, a fotografia de um forçado.
Agradecia os aplausos a meia arena. Tão novo,
por demais grave e severo.
Coubera-lhe em sorte a última pega
e saíra-se bem.

Durante o jantar olhei algum tempo para a imagem
emoldurada. O destaque que lhe deram no meio de tanta folha
taurina nas paredes do restaurante alentejano,
mostrava alguém muito amado.
No momento do aplauso, deixava de si a brevidade acelerada de
um rosto moreno — e que
seria de esperar de quem entre seus braços
dobrou a cerviz do toiro?

O traje setecentista desenhava-lhe o corpo, oiro e
verde revelavam o menor músculo. O cabelo hesitava
entre pertencer ao vento
ou à vibração dolente desse rosto.

Pensava, distraído dos outros convivas, se tal oferta
teria para eles alguma valia. Não sei porquê
ouvi, em seu louvor, não a horrível música de arena, mas
a procura de um *ricercare*.

Foi então, já serviam os cafés, que
alguém ao meu lado: «Foi a sua última pega. A derradeira. Matou-se
na semana seguinte.»

Não olhei mais para aquele fim da voz humana.
Via-o agora, vestido com a pradaria dos trapos de hoje, estende as

mãos no favor de um gesto.
Mas não queiram ver nisto o obscuro tesouro de um juízo, vejam
somente
uma história de juventude sem qualquer sentido de mudança.